EDITORIAL
O uso ético do ChatGPT em trabalhos escolares

O ChatGPT na Educação: ferramenta ou vilão?

A matéria de capa desta edição especial traz o ChatGPT, uma ferramenta que interage com usuários, por meio da Inteligência Artificial. Sem dúvida, isso tem transformado o modo de aprender e de produzir conteúdo, gerando intensos debates éticos na esfera educacional, especialmente na composição de trabalhos escolares. Contudo, enquanto parte de instituições de ensino adota sanções rígidas contra o uso indiscriminado do Chat, outra parte – especialistas da área, por exemplo – aponta que, se utilizado de maneira consciente, é um poderoso aliado no processo de ensino-aprendizagem. Essa dualidade levanta um questionamento essencial: como fazer da ferramenta um recurso ético e eficiente?

Uma das preocupações dos professores é o impacto negativo que o mau uso do Chat pode causar. A prática do "copiar e colar" não apenas desestimula o desenvolvimento do senso crítico, como também prejudica a construção do conhecimento. A coluna “Opine Aqui” traz casos recentes no Reino Unido, em que centenas de estudantes foram investigados por plágio – a matéria ilustra os desafios que o uso irresponsável da IA pode trazer. Apesar disso, banir a ferramenta não resolve o problema, uma vez que essa alternativa imediatista ignora as possibilidades que a IA oferece. O caminho, portanto, não é a proibição, e sim a conscientização e o incentivo ao uso responsável.

Já está posto: o ChatGPT é um complemento aos estudos, quando utilizado de modo ético. Ele ajuda estudantes a organizar ideias, a iniciar projetos e a explorar tópicos de pesquisa. Contudo, ressaltam os educadores, é fundamental que as respostas fornecidas pela IA sejam vistas como ponto de partida, e não como um produto final.

Colaborou nessa edição José Lucas Maranhão, engenheiro de prompt, segundo o qual “é responsabilidade de escolas, professores e estudantes estabelecer diretrizes claras para o uso do ChatGPT, promovendo sua aplicação como um meio de aprimorar habilidades e não de fraudar o aprendizado”. A íntegra da entrevista promete uma leitura proveitosa e não menos acalorada.

Gislaine Buosi
Editora-chefe